



MENINA um jogo para meninos

Girls can wear jeans and cut their hair short, wear shirts and boots, because it's OK to be a boy, but for a boy to look like a girl is degrading, because you think that being a girl is degrading. But secretly you'd love to know what it's like, wouldn't you? What it feels like for a girl?
(“The Cement Garden”, 1993; “What It Feels Like for A Girl?”, Madonna, 2009)

POEMA

*Eu sou a que no mundo anda perdida,
Eu sou a que na vida não tem norte,
Sou a irmã do Sonho, e desta sorte
Sou a crucificada ... a dolorida ...
Sombra de névoa ténue e esvaecida,
E que o destino amargo, triste e forte,
Impele brutalmente para a morte!
Alma de luto sempre incompreendida! ...
Sou aquela que passa e ninguém vê ...
Sou a que chamam triste sem o ser ...
Sou a que chora sem saber porquê ...*
(“Livro das Mágoas”, Florbela Espanca, 1919)

Este é um exercício de empatia para homens heterossexuais cisgênero*, que devem interpretar meninas ou mulheres que acabaram de escapar de uma situação de abuso/violência perpetrados por homens, e agora se encontram em um ambiente protegido, porém não-familiar (hospital, delegacia, abrigo). Estas mulheres acabaram de abrir mão de algo importante para elas, em nome de sua segurança física e psicológica, e agora lhes é dada a oportunidade de contar suas histórias, em um uma roda de conversa semelhante à terapia coletiva ou grupo de autoajuda. Uma única mulher (cis ou transgênero) deve participar da cena, apenas como mediadora do grupo: concedendo a palavra, agradecendo o depoimento, encorajando sutilmente a fala, etc.

CLIMA

*Every finger in the room is pointing at me
I want to spit in their faces
Then I get afraid of what that could bring
I got a bowling ball in my stomach
I got a desert in my mouth
Figures that my courage
Would choose to sell out now
I've been looking for a savior in these dirty streets
Looking for a savior beneath these dirty sheets
I've been raising up my hands, drive another nail in
Just what God needs, one more victim
Why do we crucify ourselves?
Everyday I crucify myself
Nothing I do is good enough for you*
(“Crucify”, Tori Amos, 1992)

Os objetos disponíveis na cena são aqueles que estiverem à mão: assentos, talvez água para beber. Recomenda-se silenciar aparelhos eletrônicos. Interessados em vivenciar experiências de caráter cômico devem repensar sua participação. A presença de platéia, especialmente de caráter feminino, é desejável.

PERSONA

Não se nasce mulher, torna-se mulher
(“O Segundo Sexo”, Simone de Beauvoir, 1949)

Você tem um Nome.
Você tem uma História, que explica sua chegada no grupo.
Você tem uma Dor, que é aquilo que teve de abandonar para sobreviver.
Você pode ter Esperança, um desejo de que as coisas melhorem; ou você pode ter Desalento, uma certeza melancólica de que nada vai melhorar.

Faça suas escolhas antes do jogo começar. É possível tentar dar voz à mulheres cujas histórias estejam contadas nas páginas dos jornais – você pode se basear em notícias sobre violência doméstica, agressão sexual, discriminação...

CONVERSA

*Veja, Senhor, como estou angustiada!
Estou atormentada no íntimo
e no meu coração me perturbo,
pois tenho sido muito rebelde.
Lá fora, a espada a todos consome;
dentro, impera a morte.
Os meus lamentos têm sido ouvidos,
mas não há ninguém que me console.
Todos os meus inimigos
sabem da minha agonia;
eles se alegram com o que fizeste.
Quem dera trouxesses o dia que anunciaste*

*para que eles ficassem como eu!
Que toda a maldade deles
seja conhecida diante de ti;
faze com eles o que fizeste comigo
por causa de todos os meus pecados.
Os meus gemidos são muitos
e o meu coração desfalece.*
(“Livro das Lamentações”, Antigo Testamento)

Sentem-se em círculo. A mediadora é quem determina que personagem fala primeiro, e esta deve começar dizendo seu nome. Ao contar sua História, com tantos detalhes quanto quiser, ela deve incluir sua Dor. Seu relato deve ser finalizado com Esperança ou Desalento. O processo se repete até que todas tenham participado, e cada uma deve ter entre cinco e dez minutos para falar. Não é permitido fazer interrupções.

Após a mediadora agradecer o depoimento da última mulher, ela exorta os demais personagens a se levantar e trocar um abraço por alguns minutos (a mediadora permanece sentada).

PLATÉIA

*He only loves those things
because he loves to see them break
I fake it so real, I am beyond fake
And someday you will ache like I ache*
(“Doll Parts”, Hole, 1994)

A platéia feminina pode se manifestar livremente após a dispersão do abraço, inquirindo os homens sobre suas escolhas, histórias, comportamentos, fazendo críticas e sugestões, até mesmo compartilhando suas próprias Histórias reais, se assim desejarem. Espera-se que ao final deste exercício os homens tenham refletido sobre a condição feminina em nossa sociedade, talvez repensando privilégios e assumindo uma postura mais empática.

* cisgênero: indivíduo cuja identidade de gênero é compatível com seu sexo biológico. O oposto de transgênero.

Autora: Livia von Sucro
Faça Você Mesmo 2015 #draft
Foto: “Sadness in her eyes”
Urzicutza13 (DeviantArt)

<http://dadoviado.com>